

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

**HOMOFOBIA INTRAFAMILIAR SOB A ÓTICA DA
PSICANÁLISE: UMA VISÃO FERENCZIANA**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Róger Donizeti Chiquetto

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cardoso Portela Câmara

São Carlos
Setembro de 2023

Agradecimentos

Aos meus pais, Aparecida e Benedito, por terem lutado diariamente para que eu tivesse uma educação de qualidade e conseguisse entrar numa universidade pública, e por me encherem com todo o amor e carinho possível. Obrigado por serem o meu abrigo e meu porto seguro nos momentos que eu mais precisava. Sei que estou longe de ser um filho exemplar, mas se eu conseguir ser como pessoa metade do que vocês foram e são para mim já estarei satisfeito. Agradeço também por todo o bem que vocês me fazem, ainda que minhas palavras não consigam expressar neste momento a grandiosidade do mesmo. Eu só consigo dizer obrigado.

Aos meus irmãos, Richard e Robison, por serem dois dos pilares mais valiosos em minha vida. Obrigado por todo o suporte financeiro e emocional que vocês me deram nessa minha empreitada de morar em outra cidade. Muito obrigado pelas risadas constantes e pelas valiosas palavras de encorajamento. Não consigo imaginar minha vida sem a constante presença de vocês, e me encho de alegria ao pensar que estaremos juntos pra sempre.

Às minhas amigas de faculdade, Bruna Fodra, Bruna Lima, Julia, Lara, Letícia e Natália, queria dizer o quanto sou imensamente grato por tudo que fizeram por mim durante esses árduos anos de graduação. Os desafios de uma graduação já são grandes, mas quando somamos isso aos percalços de mudar de cidade, a situação pode ficar complicada. No entanto, quando encontramos pessoas maravilhosas pelo caminho as coisas ficam bem mais leves e prazerosas. Agradeço todos os dias por vocês serem e continuarem sendo essas pessoas em minha vida. Palavras não expressam o quanto sou grato por cada risada que demos juntos, por cada vez que acolhemos e fomos acolhidos uns pelos outros nessa intensa vida de universitários, e por cada palavra amiga de encorajamento que me trouxe até aqui. Saibam que levo um pedacinho de cada uma de vocês para a minha vida, e saibam também que o espaço de vocês no meu coração agora já é eterno. Espero envelhecer junto de vocês e compartilhar sempre os momentos mais lindos da minha vida.

Ao meu orientador Leonardo, por me acolher de braços abertos e pela generosidade de ter dedicado tanto de seu tempo e paciência para me auxiliar em minha jornada acadêmica. Suas orientações foram vitais para que eu concluísse essa pesquisa, e sem sua ajuda nada disso teria dado certo. Obrigado também por confiar em mim

quando muitas vezes nem mesmo eu confiava, e por enxergar potencial no meu tema de monografia. Você foi como um farol me guiando e emanando sobre mim a luz do conhecimento e eu espero ser espelho, e refleti-la sempre por onde quer que eu passe no futuro.

Aos participantes desta pesquisa, por terem aceitado compartilhar comigo uma parte tão delicada e difícil de suas histórias. Guardarei para sempre no coração o quanto nossas conversas me tornaram uma pessoa e um profissional melhor. Obrigado por terem feito com que minha pesquisa se tornasse uma realidade efetiva, e espero que os nossos momentos juntos tenham trazido algum benefício para a realidade de vocês, e que no futuro consigam colher alguns frutos vindos desse estudo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro a essa pesquisa e por contribuir com minha formação.

Finalmente, queria agradecer imensamente aos personagens de minha história que não foram citados aqui, mas que contribuíram imensamente para que eu chegasse onde estou no momento. O meu sucesso também é o sucesso de vocês. Muito obrigado mesmo.

“Love him and let him love you. Do you think anything else under heaven really matters?”

– James Baldwin

Homofobia intrafamiliar sob a ótica da psicanálise: uma visão ferencziana

Resumo: No cenário atual brasileiro, uma das facetas da violência que mais mata indivíduos é a da violência motivada por homofobia. Uma das formas de homofobia que tem potencial traumático para as vítimas, e que carece de estudos aprofundados - especialmente nas áreas de pesquisa qualitativa e psicanálise -, é aquela proveniente do ambiente familiar, denominada de homofobia intrafamiliar. O presente estudo buscou investigar como a homofobia intrafamiliar pode provocar efeitos traumáticos a longo prazo na subjetividade, por meio da abordagem de pesquisa qualitativa "Método de Entrevistas Narrativas de Associação Livre", e com base na teoria do trauma de Sándor Ferenczi. Para isso, foram entrevistados quatro homens homossexuais, dos quais dois sofreram homofobia intrafamiliar explícita e dois homofobia intrafamiliar implícita.

Palavras-chave: psicanálise, homofobia intrafamiliar, trauma, Ferenczi.

Intrafamilial homophobia through the psychoanalytic perspective: a Ferenczian approach

Abstract: In the current Brazilian scenario, one of the facets of violence that most kills individuals is violence motivated by homophobia. One of the forms of homophobia that has the potential to be traumatic for the victims, and which lacks in-depth studies - especially in the areas of qualitative research and psychoanalysis - is that which comes from the family environment, called intrafamilial homophobia. The present study sought to investigate how intrafamilial homophobia can cause long-term traumatic effects on subjectivity, through the qualitative research approach "Method of Narrative Interviews of Free Association", and based on Sándor Ferenczi's theory of trauma. For this, four homosexual men were interviewed, of which two suffered explicit intrafamilial homophobia and two implicit intrafamilial homophobia.

Keywords: psychoanalysis, intrafamilial homophobia, trauma, Ferenczi.

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Fundamentação teórica.....	4
3. Objetivos.....	6
3.1. Objetivo Geral	6
3.2. Objetivos Específicos	6
4. Metodologia.....	7
4.1. Tipo de estudo	7
4.2. Abordagem	7
4.3. Amostragem	8
4.3.1. Perfil dos participantes	8
4.3.2. Tamanho da amostra.....	9
4.3.3. Recrutamento dos participantes.....	9
4.3.4. Estratégia de amostragem.....	9
4.4. Procedimentos de coleta, gravação e armazenamento dos dados.....	9
4.5. Técnica de análise de dados	10
4.6. Materiais e recursos	10
4.7. Cuidados éticos.....	10
5. Apresentação e análise dos dados.....	12
5. 1. Síntese biográfica dos participantes	12
5.1.1. Samuel	12
5.1.2. Bernardo	16
5.1.3. Tiago.....	21
5.1.4. Daniel	25
5.2. Eixos de análise	27
5.2.1. Configuração familiar.....	28
5.2.2. O processo de assumir-se	29
5.2.3. Violência sexual	31
5.3. Discussão.....	32
6. Considerações finais	36
Referências	38
Anexo I: Protocolo de questões norteadoras para as entrevistas.....	40
Anexo II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	41

1. Introdução

No Brasil, um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade é a questão da violência. Quando nos voltamos à análise das estatísticas sobre o assunto, o que obtemos é uma situação extremamente preocupante: a América Latina, apesar de conter menos de 10% da população mundial, detém cerca de um terço dos homicídios cometidos em escala global. Tratando mais especificamente do panorama brasileiro, o cenário também é alarmante, posto que, somente no ano de 2017, mais de 65 mil pessoas foram assassinadas no Brasil, uma grande parcela, acrescente-se, com requintes de crueldade (Misse, 2019).

Uma parte da população que recorrentemente é alvo de violência é a população LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo, assexuais e outras identidades). Segundo dados do relatório parcial feito pelo Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+, que contempla o período de janeiro a agosto de 2021, foram registradas 207 mortes de membros dessa população, sendo 18 suicídios e 187 assassinatos motivados pura e simplesmente por um ódio desmedido a esses indivíduos (Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+ no Brasil, 2021).

Para evidenciar e classificar os atos de violência praticados especificamente contra a comunidade LGBTQIA +, criou-se o termo homofobia. A palavra designa o ódio explícito, persistente e generalizado contra a população não-heteronormativa, manifestando-se em uma escala de violência que varia desde as agressões verbais contra a honra e a moral, até os episódios de violência física, inclusive letais, consumados com requintes de crueldade (Albuquerque, 2016).

Consideramos importante destacar a gênese da noção de homofobia. Suas origens remontam à década de 1970, quando o psicólogo clínico norte-americano George Weinberg o criou para definir e agrupar os sentimentos negativos dirigidos a homossexuais e às diversas forma de homossexualidade (Junqueira, 2007). Ainda que o termo tenha sofrido inúmeras ressignificações ao longo do tempo, o caráter clínico e patologizante parece ainda estar fortemente associado à noção de homofobia na atualidade.

Ainda no que tange ao assunto, importa ressaltar que a hegemonia do heterossexismo se revela como a ideologia que motiva e oferece as condições de

possibilidade para as práticas homofóbicas em nossa sociedade. Definido como a crença de superioridade da heterossexualidade sobre as demais orientações sexuais, além de institucionalizar a mesma como norma social nos mais diversos âmbitos, o heterossexismo gera repulsa contra as pessoas que exercem sua sexualidade de modo diferente. Essa repulsa, que pode se materializar como atos homofóbicos, acarreta diversos danos aos indivíduos que fogem da norma heterossexual, sendo muitas vezes irreversíveis (Nascimento, 2018).

Ao analisarmos o conceito e a definição de homofobia, podemos entender melhor a realidade vivenciada por uma ampla parcela da população LGBTQIA + nos dias atuais. Devido ao estigma criado acerca da homossexualidade, e à heteronormatividade que perpassa todas as relações sociais contemporâneas, muitos sujeitos experimentam diariamente situações de teor homofóbico. Não raras vezes, tais situações acontecem no interior de seus ambientes familiares (Schulman, 2012).

É importante salientar que, mesmo sendo recoberta por um ideal de proteção e acolhimento de seus membros, a família está construída sobre alicerces sociais nos quais ainda impera uma visão de mundo baseada em padrões heteronormativos e binários (Andrade, Cedraz & Araújo, 2019). Tais ideais sociais, que não toleram a diferença, podem ganhar concretude e eficácia por meio da família. Esta acaba assumindo a função de impor sanções aos seus membros que de algum modo contrariem tais padrões. Essas sanções, que se configuram como homofobia intrafamiliar, vão de represálias físicas, passando por expulsões de fato desses membros “problemáticos”, até chegar a abusos psicológicos severos e negação de sua subjetividade (Andrade, Cedraz & Araújo, 2019).

Ainda no que tange à vida do membro da população LGBTQIA+ no âmbito familiar, vale destacarmos o processo de “assumir-se”, que abrange a fase em que o indivíduo sente a necessidade de comunicar aos seus familiares sua sexualidade não vigente, e que gera um intenso conflito interno na pessoa justamente pelo fato de essa sexualidade não corresponder com a da maioria aceita socialmente. A família pode exercer sanções com o fito de retornar a pessoa “aos eixos” da heterossexualidade normativa, fazendo com que a mesma volte a performar comportamentos de gênero condizentes com seu sexo biológico. Na melhor das hipóteses, a família pode escolher

simplesmente “tolerar”, o que mesmo assim continua não legitimando suas condutas e subjetividades, invisibilizando seu modo de ser e estar no mundo (de Souza, 2015).

A saúde física e mental não é poupada dos impactos ocasionados pelas situações de violência de caráter homofóbico em contexto familiar (Perucchi, Brandão & Vieira, 2014). Muitos indivíduos sentem dificuldade de relacionar as complicações físicas (como agressões físicas de variados graus) e mentais (como depressão ou ansiedade) pelas quais estão passando à violência que viveram, justamente pelo laço de afeto que mantiveram por muito tempo ou que ainda mantêm com os agressores (Perucchi, Brandão & Vieira, 2014). Essa negação, pelas próprias vítimas, da violência sofrida, as impede de buscar por ajuda especializada para tratar do dano causado, o que acaba por torná-las ainda mais vulneráveis (Perucchi, Brandão & Vieira, 2014).

Um outro fator que pode explicar o fato de as vítimas de homofobia intrafamiliar não conseguirem designar os abusos que sofreram como violentos e de caráter homofóbico é o de esperarem, ainda que inconscientemente, certa aceitação de sua sexualidade pelos membros de sua família (Toledo, 2013). Como o ambiente familiar foi a base para que o sujeito construísse toda sua identidade desde muito cedo, é normal que ele espere suporte em circunstâncias difíceis ou incomuns. Assim, fica fácil entendermos o potencial traumático na vida do sujeito que tem esse suporte familiar recusado em um momento de fragilidade intensa, posto que isso causa uma intensa desestruturação de seu aparelho psíquico (Toledo, 2013).

Com base nessas considerações, a presente pesquisa tem como objetivo investigar de que modo a homofobia intrafamiliar pode gerar impactos, de longo prazo, na vida dos sujeitos. Essa questão será analisada a partir da teoria de Sándor Ferenczi, neurologista e psicanalista húngaro, contemporâneo de Freud, que fez contribuições significativas para o campo psicanalítico, sobretudo relacionadas ao trauma psíquico, e que serão apresentadas na próxima sessão.

2. Fundamentação teórica

Apesar de haver muitos estudos atuais que se dedicam à temática da homofobia intrafamiliar, poucos buscam explorar os impactos traumáticos que a mesma pode acarretar na vida e na subjetividade das vítimas de acordo com seus próprios relatos, e menos ainda se propõem a analisar tais impactos sob a lente da psicanálise (Coelho & Barros, 2021). A fim de contribuirmos para sanar essa lacuna na literatura, primeiramente, é necessário voltarmos à definição de trauma psíquico. De maneira geral, podemos defini-lo como sendo algum choque psíquico que acarreta dor incompreensível e insuportável ao sujeito (Lejarraga, 2008).

No que se refere à dimensão do trauma psíquico em vítimas de violência, um dos pioneiros a estudar o assunto foi o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi. Em sua obra, ele propõe dois tipos de trauma: o estruturante e o desestruturante (Pinheiro, 1995). O trauma dito estruturante seria aquele que propicia uma organização psíquica, sendo importante para o desenvolvimento do sujeito, especialmente no que se refere à sua inserção na estrutura simbólica e nas normas sociais. O trauma desestruturante, por sua vez, é compreendido como aquele que põe em risco todo o seu processo identificatório, e foi descrito e elaborado por Ferenczi a partir de sua experiência clínica com pessoas que sofreram abuso sexual quando crianças (Pinheiro, 1995). Além da violência, o trauma desestruturante é caracterizado pela subitaneidade do evento – isto é, o acontecimento não é antecipado pelo sujeito –, assim como por uma falha da resposta do ambiente para ampará-lo, gerando uma impossibilidade de reorganização do aparelho psíquico.

Segundo Ferenczi, o trauma desestruturante se constitui a partir de dois atos. Tudo começa quando um adulto, ao se deparar com uma criança brincando normalmente, interpreta tais ações como insinuações pertencentes à ordem do sexual e, partindo dessa interpretação equivocada, comete um abuso sexual (Pinheiro, 1995). Ao segundo ato, Ferenczi chamou de “desmentido”: confusa e incapaz de entender a violência que sofreu, a criança vai à procura de um outro adulto que, ao invés de ampará-la, acaba por recusar a acreditar em seu relato, podendo até mesmo afirmar que tudo não se passou de uma fantasia ou produto de sua imaginação. Segundo Pinheiro (1995), é esse desmentido que tornaria o trauma desestruturante.

Gondar (2012) ressalta que o desmentido não se restringe à esfera individual; pelo contrário, está inserido também nas esferas social e política. A autora explica essa afirmação convidando-nos a pensar sobre o avesso do desmentido, que é o reconhecimento – aqui definido como sendo a necessidade que toda pessoa tem de ser vista, respeitada e aprovada pelas pessoas ao seu redor. Essa concepção nos permite entender o desmentido também como o processo no qual um indivíduo não é identificado e visto em sua condição de sujeito. Diante disso, um ponto muito importante diz respeito a uma postura de neutralidade que a família pode adotar quanto ao seu membro “dissidente”: quando a mesma encara com desdém e invisibiliza essa condição do sujeito, ela está também comprometendo o desenvolvimento de sua subjetividade e pondo em xeque sua percepção a respeito do lugar que pode ocupar no mundo, o que acarreta efeitos traumáticos e sofrimento psíquico (Gondar, 2012).

Apresentada a fundamentação teórica, é possível traçarmos um paralelo entre o desmentido, conforme descrito por Ferenczi, e a homofobia intrafamiliar. Ao não ter sua identidade sexual reconhecida pela família, o sujeito vivencia o seu jeito de ser e até a sua própria subjetividade serem invalidadas pelas pessoas com as quais esperava apoio, acolhimento e afeto, produzindo, assim, efeitos potencialmente desestruturantes em seu devir. Julgamos necessário pontuar também o caráter traumático que a neutralidade por parte da família em relação à sexualidade pode ter para o sujeito: quando a família escolhe simplesmente ignorar, se mostrar indiferente, ou “fingir que não vê” certos aspectos de um de seus membros que fogem da norma, isso pode acarretar nele sentimentos de invalidação e invisibilidade (Gondar, 2012).

Assim, a presente pesquisa objetivou explorar, a partir da teoria ferencziana do trauma e, mais especificamente, da noção de desmentido, o potencial traumático da homofobia intrafamiliar na vida de pessoas que tenham sofrido esse tipo de violência quando crianças ou adolescentes. Para isso, foi empregada a metodologia denominada de “Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre” (do inglês “Free Association Narrative Interview Method”), que consiste em apresentar aos participantes questões temáticas de natureza mais abrangente, e analisar o modo como eles as respondem e como seu discurso flui em associação livre.

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Investigar como a homofobia intrafamiliar pode provocar efeitos traumáticos de longo prazo na subjetividade.

3.2. Objetivos Específicos

- Explorar possíveis efeitos traumáticos provocados por homofobia intrafamiliar explícita, isto é, que se expressa como violência física ou psicológica;
- Analisar possíveis efeitos traumáticos provocados por homofobia intrafamiliar implícita, isto é, que ocorre de forma sutil e velada;
- Articular os achados com a teoria do trauma de Sándor Ferenczi.

4. Metodologia

4.1. Tipo de estudo

Este estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa, definida como um tipo de pesquisa que visa analisar relatos mais ricos, descritivos e detalhados acerca do fenômeno a ser investigado, assim como interpretar dados verbais, não se focando nas propriedades numéricas dos mesmos (Smith, 2020). Por esse motivo, a pesquisa qualitativa pretende compreender, explorar, descrever e interpretar as experiências pessoais e sociais dos participantes, e não testar hipóteses ou matematizar os dados (Smith, 2020). Assim, sua ênfase está no modo como os significados individuais do participante são construídos e moldados através do discurso, o que implica em diferenças significativas em relação a outras metodologias, principalmente quantitativas, a exemplo do tamanho relativamente pequeno da amostra (Smith, 2020).

4.2. Abordagem

A abordagem utilizada neste estudo foi o “Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre”, tradução livre de “*Free Association Narrative Interview Method*” (Hollway & Jefferson, 2008). Neste método, o enfoque está no significado que é criado dentro do par entrevistador-entrevistado, e considera o relato do participante como algo original e próprio, contrastando com a ideia de que o mesmo seria apenas uma recontagem neutra de uma realidade pré-existente. As duas inspirações para o desenvolvimento desse método foram o método de discurso biográfico-interpretativo, que tem como base a psicologia da Gestalt, e o método de associação livre, criado por Freud nos princípios da psicanálise (Hollway & Jefferson, 2008).

A psicologia da Gestalt foi fundada, dentre outros, por Max Wertheimer, e sua principal ideia é a de que “o todo é maior que a soma das partes”. Com base nesse postulado, Hollway & Jefferson (2008), criadores do Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre, criticam o modo como as pesquisas qualitativas dividem os discursos do participante em blocos (as “partes”) e os codificam, desconsiderando a estrutura na qual o discurso é construído (o “todo”). Sendo assim, eles defendem que a análise dos dados deve ser realizada sempre em referência ao todo (Hollway & Jefferson, 2008).

São incorporadas quatro regras “essenciais” do método biográfico-interpretativo para a execução da entrevista: 1) utilizar questões as mais abertas possíveis; 2) convidar o participante a contar sua história do seu próprio jeito durante a entrevista; 3) evitar o emprego de questões do tipo “por quê”; e 4) conduzir a entrevista tomando sempre como referência a ordem e a construção de frases do entrevistado, necessitando, assim de uma escuta atenta (Hollway& Jefferson, 2008).

Como dito anteriormente, a nossa abordagem também incorporou elementos do método freudiano de associação livre, que consiste em instruir o paciente a dizer tudo o que lhe vem à mente, sem censurar ou filtrar conteúdos, mesmo que reprováveis. São geradas, nesse modo de proceder, condições para que o paciente produza um discurso governado não pela razão, mas pelo seu inconsciente, fazendo emergir, assim, aspectos emocionais e contra os quais ele (o paciente) se defende. O Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre se compara ao proposto por Freud, pois o entrevistador deve conduzir a entrevista de acordo com as associações feitas pelo entrevistado, e espera que disso surjam conteúdos afetivos (Hollway& Jefferson, 2008).

4.3. Amostragem

4.3.1. Perfil dos participantes

Os participantes recrutados foram todos de sexo masculino; de orientação sexual diferente da heterossexual; com idade entre 18 e 40 anos; de qualquer raça; que tenham crescido em uma configuração familiar de pai e mãe casados e vivendo sob o mesmo teto; de qualquer renda; e que tenham sofrido homofobia intrafamiliar, tanto de formas explícitas (alvos de violência física ou psicológica) quanto de formas implícitas ou mais sutis (postura de neutralidade dos pais).

Foi utilizado, como critério de exclusão, a presença de transtornos psiquiátricos graves que poderiam prejudicar as capacidades de introspecção e de comunicação, como transtornos psicóticos, transtornos do espectro autista, e outros transtornos psiquiátricos ou doenças neurológicas que comprometam significativamente as funções cognitivas, especialmente linguísticas, do sujeito.

4.3.2. Tamanho da amostra

Participaram quatro sujeitos, sendo que dois deles sofreram homofobia intrafamiliar explícita (violência física e psicológica); e dois experimentaram o sentimento de invisibilidade (desmentido) devido à postura de neutralidade da família acerca de sua orientação sexual. O tamanho reduzido da amostra é devido à natureza da pesquisa, que busca analisar de forma mais profunda e minuciosa o discurso dos participantes.

4.3.3. Recrutamento dos participantes

Os participantes foram recrutados através de um anúncio postado em grupos de universitários na rede social *Facebook*.

4.3.4. Estratégia de amostragem

O tipo de amostragem foi *intencional*, o qual se busca escolher deliberadamente os casos que têm maior potencial de contribuição para a questão de pesquisa (Creswell, 2007). A estratégia de amostragem específica foi a *estratégia de amostragem heterogênea (ou variação máxima)*, que consiste na escolha de casos que têm significativa variação e diferenciação entre si, com o propósito de, por um lado, documentar a diversidade, e, por outro, de encontrar elementos comuns. Esse método é de grande utilidade no presente estudo, pois, ao se maximizar as diferenças entre os casos, são aumentadas as chances de os resultados evidenciarem diferentes perspectivas acerca do fenômeno de estudo (Creswell, 2007).

4.4. Procedimentos de coleta, gravação e armazenamento dos dados

A técnica de coleta de dados foi a entrevista conforme postulada pelo Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre. Foram realizadas entre três e quatro sessões de entrevista com os participantes, com frequência semanal, em formato remoto (*online*), através do aplicativo *Google Meet*. Após cada sessão, houve reunião de supervisão com o orientador, onde foram relatadas as entrevistas e como elas ocorreram. O protocolo de questões norteadoras utilizado nas entrevistas se encontra no Anexo I.

As entrevistas foram gravadas pelo próprio aplicativo, e os arquivos gerados foram removidos do armazenamento em nuvem e mantidos apenas em dispositivos físicos, para fins de segurança da privacidade do participante de pesquisa e da confidencialidade de suas informações. Seu acesso ficou restrito somente ao pesquisador, e os arquivos ficarão retidos por cinco anos, conforme exige a legislação vigente.

4.5. Técnica de análise de dados

Como técnica de análise de dados para a presente pesquisa, o foco foi a análise do contexto das entrevistas com os participantes como um todo, ao invés da fragmentação e posterior codificação do discurso, conforme acontecem amiúde em pesquisas qualitativas (Hollway & Jefferson, 2000). Foram destacados detalhes que pudessem servir para a construção do contexto presente na entrevista com o participante; ademais, foi utilizada uma linguagem descritiva para que ficasse elucidado o perfil único e singular do participante (Hollway & Jefferson, 2000).

4.6. Materiais e recursos

Os materiais utilizados foram: *notebook* com câmera de vídeo; fones de ouvido; aplicativos *Google Meet* e *WhatsApp*; e software de processador de texto *Microsoft Word*.

4.7. Cuidados éticos

A presente pesquisa zelou pela garantia de todos os direitos, incluindo o direito pela dignidade humana, dos participantes. Respeitou, também, todas as diretrizes éticas estabelecidas pela legislação, em especial as definidas pela Resolução nº510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, e pelos órgãos responsáveis pela fiscalização da ética em pesquisa, como a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP). A pesquisa foi aprovada pelo CEP (CAAE 57859922.7.0000.5504). A participação ficou condicionada ao consentimento dos participantes, cuja formalização se deu por seu registro no Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo II), após serem informados a respeito de todos os aspectos da pesquisa e terem todas as suas eventuais dúvidas sanadas.

5. Apresentação e análise dos dados

Este capítulo é dedicado à organização e análise dos dados coletados na pesquisa. Inicialmente, apresentaremos uma síntese biográfica de cada um dos participantes e, depois, a análise transversal dos dados de todos os casos a partir de três eixos temáticos principais.

5.1. Síntese biográfica dos participantes

Nesta sessão, será articulada uma síntese biográfica de cada participante utilizando os dados obtidos nas entrevistas, visando a um maior entendimento de como o contexto em que estavam inseridos se relaciona com as violências que sofreram.

#	Pseudônimo	Idade	Tipo de violência sofrida na família
1	Samuel	29 anos	Violência explícita física e psicológica
2	Bernardo	27 anos	Violência explícita física e psicológica
3	Tiago	20 anos	Violência implícita psicológica
4	Daniel	35 anos	Violência implícita psicológica

5.1.1. Samuel

Samuel conta que nasceu numa cidade do interior paulista, numa família de costumes conservadores, sendo um deles a valorização da heterossexualidade como única forma de se relacionar e vivenciar o mundo (Sessão 01). Por isso, ele era “obrigado a se relacionar com mulheres”. Mesmo nesse ambiente, Samuel relata que “sempre sentia que queria se relacionar com homens” (Sessão 01), chegando a citar um episódio no qual o pai o flagrou olhando uma revista pornográfica masculina e o repreendeu severamente (Sessão 01).

Uma questão que parece permear a subjetividade de Samuel é a sua dificuldade de fazer amizade com homens. Ele chega a citar: “Lembro de uma vez que eu tinha um amigo super próximo e nós ficávamos sempre juntos, até que meus pais pensaram que eu poderia ter algum tipo de relação com ele e me tiraram da escola que eu estava. Daí eu não consegui mais fazer amizades com homens depois disso, sabe?” (Sessão 01). Ele

chegou a se aprofundar um pouco mais sobre essas proibições, vindas majoritariamente de seu pai, na Sessão 03, em que disse: “Nossa, meus pais desde sempre me proibiam real de ter amigos homens, pois temiam que eu fosse gay. Quando eu comecei a ir na casa de um amigo muitas vezes quando eu era mais novo, meu pai me proibiu de fazer isso, e inclusive outras vezes que eu cheguei a ver ele era tudo policiado pelo meu pai sabe? Ele ficava vigiando”.

No que tange à relação entre seu pai e sua mãe, Samuel conta que a mesma era permeada por intensas violências verbais, que por pouco não atingiam o âmbito das agressões físicas: “Nossa, a relação deles sempre foi muito complicada. Eles brigavam sempre, muitas vezes na minha frente e na do meu irmão. Nunca chegaram a se agredir, mas chegaram no limite de agressão, assim, várias vezes” (Sessão 03).

O participante relatou que sempre se sentiu mais próximo da mãe, que segundo ele “...sempre foi tranquila comigo, me deixava ver pornografia quando eu fiz 18 anos e deixava eu sair com os amigos” (Sessão 03), o que contrasta com a postura controladora do pai, que buscava evitar a todo custo que o filho desenvolvesse qualquer tipo de relação de amizade com outros homens, por temer que o mesmo “virasse homossexual”.

Outro membro do eixo familiar que Samuel diz ser bem próximo é seu irmão, o qual se configura como uma referência de apoio tanto psicológico como muitas vezes financeiro. Esse irmão já confidenciara a ele que também sentia vontade de ficar com homens, mas, ao ser indagado se ele já havia se relacionado com algum, Samuel disse que o mesmo “só sente vontade por enquanto, penso que ele ainda esteja se descobrindo” (Sessão 3).

Samuel também relatou que além das já citadas intensas violências psicológicas que sofria por parte de sua família, também chegou a ser agredido fisicamente pelo pai: “meu pai chegou a me dar socos na boca” (Sessão 01).

Quando Samuel começou a fazer faculdade, ele disse que viveu um relacionamento sério com uma mulher, em que os mesmos moraram juntos por um tempo. Segundo ele, nesse período ele sentiu se intensificar uma vontade que ele tinha de ficar com homens e traiu a namorada diversas vezes. Os dois eventualmente terminaram o relacionamento, sendo que o participante qualifica a postura de sua parceira durante o término como “muito madura”: “Quando eu comecei a faculdade eu

morei com uma mulher por cinco anos e nós mantínhamos um namoro. Eu sempre sentia que queria demais ficar com homens, mas por conta que ela pagava as contas e me sustentava eu ficava com muito medo de terminar o relacionamento, além disso tinha também a questão de dar vergonha pra minha família. Daí eu comecei a trair ela pra saciar esse desejo que tinha de ficar com outros homens. Nós acabamos terminando a relação depois de um tempo, e ela foi extremamente madura comigo” (Sessão 01). Mesmo em uma relação mantida apenas por aparências, Samuel afirmou que: “Então, na verdade foi bem tranquilo até. Eu não me sentia tão mal, até porque o meu desejo de ficar com homens foi surgindo aos poucos enquanto eu estava no relacionamento” (Sessão 03).

Depois disso, Samuel conta que foi morar em uma república universitária com alguns amigos, período que ele classifica como muito importante para que se descobrisse mais intensamente no que se refere à sua sexualidade, e no qual ele passou a se relacionar mais assiduamente com homens. Ademais, ele conta que conseguiu se assumir para esses amigos, que o aceitaram de modo muito positivo: “Eu cheguei até a me assumir pro pessoal de lá, sabe? Eles me deram muito apoio, foram muito legais. Antes deles só meu irmão sabia” (Sessão 01).

Em seguida, o participante falou a respeito de um período no qual ele passou por algumas “crises existenciais” referentes à faculdade, em que ele achava que não fazia nada direito. Tais crises arrefeceram quando entrou para um projeto que oferecia aulas para pessoas carentes. Na saída de uma dessas aulas, ele conheceu uma professora que também participava do projeto, e passou a manter laços de amizade muito fortes com ela, a ponto de até se assumir para ela: “Com o tempo eu consegui me assumir pra essa professora e ela me acolheu como se eu fosse um membro da família” (Sessão 01).

Chegando agora nos dias recentes, Samuel disse que iniciou um relacionamento sério com um homem e que, ao mudar seu *status* de relacionamento em certa rede social, seus pais descobriram sua homossexualidade e a reação deles foi intensa. Nas palavras dele: “meus pais meio que me expulsaram da família. Só que não foi só isso, eles também pressionaram meu irmão a parar de enviar um dinheiro que ele sempre mandava pra eu me manter aqui” (Sessão 02). No que se refere ao aspecto financeiro, seu irmão continuou enviando dinheiro em segredo para que ele conseguisse se manter, o que pelo menos chegou a tranquilizá-lo.

Ao ser indagado sobre essas reações de seus pais, ele disse que se surpreendeu especialmente com a reação de sua mãe: “por isso eu fiquei tão chocado com a reação dela. Contaram pra ela a minha postagem no *Face* [a rede social] e ela ficou três dias angustiada até dizer que teria que contar ao meu pai sobre isso.” (Sessão 03).

Além das represálias, Samuel disse que seus pais o levaram para consultas com psicólogos, psiquiatras e neurologistas em busca de uma “cura gay”. Ele disse que a experiência com certo profissional foi revoltante: “Ele disse que eu tenho meio que uma personalidade influenciável e acabei ‘virando’ homossexual muito pela influência dos outros. Juro, a argumentação dele foi horrível” (Sessão 02).

Essas reações vindas de profissionais o levaram a desenvolver descrença nos serviços de saúde mental, por tentarem exercer cura sobre algo que nem se configura como doença. Uma das coisas com as quais ele esperava que o processo terapêutico o ajudasse a lidar eram os sintomas que vinha apresentando, como autoestima baixa, dificuldade em falar em público, insegurança, sensação de estar fazendo tudo errado, falta de prazer nas relações sexuais, frieza emocional, depressão e TDAH. Mesmo assim, Samuel se mostrou disposto a tentar dar uma nova chance ao processo terapêutico:

Nossa, eu fiquei extremamente indignado com isso. Principalmente pela reação daquele médico que eu falei, que disse que eu tinha “virado” gay por influência dos outros. A outra médica que eu fui lidou com toda essa situação de forma muito boa e elegante. Queria voltar a me consultar com ela no futuro. Na verdade, eu tenho uma certa descrença em relação à Psicologia, acho que ela nunca me deu um alívio imediato dos sintomas que eu sentia, e que era o que eu procurava. Mas quero muito voltar a fazer a terapia agora que eu fiquei mais velho, acho que nem tudo está perdido” (Sessão 03).

Finalmente, ao ser questionado sobre quais consequências dessa vida marcada por violências relacionadas ao fato de ele ser homossexual ele conseguia notar, Samuel respondeu que: “Uma questão muito grande foi a minha insegurança que aumentou bastante depois dessas violências. Parece que eu estou sempre errado em tudo que eu faço. Agora parece que ficou muito difícil eu sentir qualquer prazer em relações sexuais. Comecei a perceber isso recentemente. Sinto que fiquei mais frio também, antes eu era mais sensível. Meu namorado reclama que eu raramente elogio ele assim” (Sessão 02). Ainda nesse âmbito, o participante destacou o papel positivo do namorado, ao conseguir manejar bem essas suas inseguranças e garantir que a relação que os dois mantêm não

será “tóxica” como as outras que ele viveu anteriormente, e que deixaram fortes cicatrizes no mesmo: “Sinto que nós dois vivemos relações muito tóxicas anteriormente, e agora conseguimos nos entender mais. Mesmo assim, eu ainda sou muito desconfiado assim, tenho muitas paranoias. E ele me acalma bastante, ele me fala que ele não é que nem as outras pessoas que eu fiquei que me tratavam mal, sabe?” (Sessão 03).

5.1.2. Bernardo

Bernardo conta que nasceu e viveu sua infância e adolescência numa cidade do interior do estado de São Paulo. Filho de pais religiosos e conservadores, desde sempre teve que policiar seu comportamento a todo momento, pois quando não agia segundo o que seus pais consideravam correto, sofria intensos castigos psicológicos e físicos: “Como eu cresci num lar muito religioso e conservador, além dos meus pais serem evangélicos, sempre tive meus comportamentos moldados por eles. Se eu não me comportasse como um hétero, eu sofria muita violência física e psicológica dos meus pais, principalmente do meu pai. Eu era chamado de 'bichinha” (Sessão 01).

A respeito da natureza dos castigos que sofria, Bernardo apontou a dimensão traumática e a influência que exerceram na sua subjetividade. Esses castigos vinham muitas vezes de ações positivas que ele realizava, como tirar boas notas. Tais comportamentos ganhavam o rótulo de serem “de meninas” pelos pais:

Então, sofri muita violência vinda da minha família. Meus pais tinham muito essa mania de correção, tanto verbal como física. Eu não conseguia mudar meu jeito, mas passava o dia policiando todos meus comportamentos. Minha mãe dava tapas na cabeça e me chamava de anormal. Meu pai se unia com a minha mãe nessa violência, ele batia com chinelo, cinta, o que tivesse perto. Meu pai também me castigava muito por tirar boas notas na escola, pois ele dizia que isso era coisa de menininha. Então de violência física eu sofria demais. Eu tinha mais ou menos uns sete anos (Sessão 02).

Uma relação familiar que ele tinha, e que parece ter sido marcante durante toda sua trajetória de vida, era a com o seu irmão gêmeo. Segundo Bernardo, seu irmão também era homossexual e também era vítima de todas as sanções e castigos impostos pelos pais ao comportamento dos filhos. Esse irmão teria se assumido primeiro para a família, o que ocasionou uma reação mais agressiva por parte dos pais, e acarretou no total desligamento de contato dele com a família. Hoje em dia, o participante relata que a relação do irmão com os pais ainda se mantém a mesma, e que ainda o sente distante em alguns momentos:

Bom, meu irmão sempre passou pelas mesmas violências que eu por parte de meus pais. A diferença era que ele se defendia mais e se impunha mais frente às violências. Meus pais eram mais violentos com ele por causa disso. Lembro que quando ele usava base para esconder as espinhas, meu pai batia muito nele por ser coisa de 'menina'. Na infância nós nos ajudávamos muito, mas nunca abordamos o tópico da nossa sexualidade justamente porque falar sobre isso era basicamente proibido em casa. Quando ele se assumiu depois que saiu de casa, isso acabou gerando muito atrito com meus pais, por isso ele decidiu cortar totalmente o contato com eles, e hoje ele é totalmente alheio a eles. Ele não responde mensagens e não tem interesse também. Sinto que ele precisou se isolar de todos, mas hoje temos retomado um pouco de contato. Gostaria de ter uma relação mais de igual pra igual com ele, sinto que eu me dou muito mais e ele se dá muito menos (Sessão 03).

Um outro aspecto importante de sua infância foi a relação que Bernardo mantinha com a igreja que seus pais frequentavam. Desde muito cedo, ele começou a participar do grupo de jovens, onde se interessou muito pela dança e acabou conhecendo sua primeira namorada, com a qual manteve um breve relacionamento antes de se mudar para uma outra cidade para fazer faculdade:

Numa época eu cheguei a me envolver muito com a igreja dos meus pais, e foi lá que eu conheci minha primeira namorada. Minha relação com ela era super tranquila, mas eu precisei terminar porque eu comecei a faculdade aqui em São Carlos e também porque no fundo eu sabia que não daria certo, já que eu não iria conseguir dar tudo que ela pedia, principalmente na parte sexual. (...) Enquanto eu estava na igreja, me envolvi muito num projeto de dança, que o meu pai inclusive me proibiu de fazer pois isso era coisa de menininha” (Sessão 01)

É de se notar que, mesmo se sentindo parte de uma comunidade quando frequentava a igreja, isso não o poupou de sofrer mais situações de homofobia, como quando o pai o repreendeu por se envolver nas atividades de dança, pois elas eram “coisa de menininha”, ou quando o pai da namorada não acreditou que ele estava pedindo sua filha em namoro, pois Bernardo era visto por todos como “viadinho”:

Sinto que as pessoas já chegaram a fazer vários comentários maldosos sobre mim, dos quais eu nem tenho consciência. Lembro que quando eu ainda me relacionava com mulheres, quando eu fui falar com o pai de uma das minhas namoradas para pedi-la em namoro ele me disse: 'nossa mas todo mundo fala que você é um viadinho, como você vai pedir minha filha em namoro?'. Eu poderia ter todas as melhores qualidade de um homem no mundo inteiro, o fato de eu ser homossexual já invalidava tudo (Sessão 03).

Essa relação que Bernardo mantinha com a igreja o levou a desenvolver crenças a respeito de sua homossexualidade. Por muito tempo, ele relata que acreditou que o fato dele gostar de homens seria um castigo divino, o que o levava a se perguntar constantemente o porquê de ser castigado dessa maneira: “Tive muita dificuldade em

me relacionar com esses homens muito por causa dos abusos sexuais que sofri. Por muito tempo eu achei que isso era Deus me punindo por eu ter feito algo errado assim, ser gay” (Sessão 01) Em outra sessão, Bernardo aprofunda isso:

Bom, essa crença de acreditar no castigo divino está bem atrelado ao ambiente religioso que cresci. Sempre ouvíamos que homens gays iriam sofrer, e eu acreditava que o que eu estava passando era realmente um castigo. Lembro que eu nunca consegui ter amizade com homens héteros. O curioso era que eu ficava muito triste pois eu pensava que eu não escolhi ser desse jeito, eu seguia todas as normas da Igreja, estou lendo a Bíblia e seguindo suas regras, por que eu ainda fico sofrendo assim? (Sessão 03).

Talvez a violência que mais modificou a existência de Bernardo tenham sido os abusos sexuais que sofreu durante a infância e início da adolescência. Todos os abusos tinham algumas características em comum: os abusadores eram sempre homens mais velhos, muitas vezes já casados, e que se diziam heterossexuais e “pais de família”, e eram situações onde a reação por parte dele se fazia impossível. Bernardo chega a afirmar que passou a temer a figura masculina depois dos abusos, figura esta que sempre aparecia em seus pesadelos.

É possível notarmos a carga traumática expressiva que os abusos tiveram no participante, principalmente no que tange a sua subjetividade. Vemos também traços do desmentido ferencziano, pois em seu discurso Bernardo afirma que o abusador o ameaçava, exigindo que jamais contasse do acontecido para os pais, ou o mesmo seria expulso de casa e obrigado a morar na rua. Outro aspecto notável, foi que a vítima apontava que se sentia extremamente culpada pela situação mesmo antes de o abuso ter se concretizado de fato, o que corrobora ainda mais para que se observe o caráter traumático e destrutivo dessa violência para a estrutura psicológica do sujeito:

Bom, de modo geral todos os abusos que eu sofri tinham mais ou menos a mesma configuração. Eles aconteceram com pessoas do bairro em que eu morava e sempre eram homens que se diziam héteros e 'pais de família'. Foram situações que eu não consegui reagir, eu lembro que eu segurava muito para não chorar, apesar de ter muita vontade. Apesar de tudo, foram situações que não me impedia de sair na rua ou de viver minha vida. Mas uma das coisas traumáticas que eu percebi era que eu sempre tive muito da figura masculina depois disso. Meus pesadelos envolviam sempre homens. Não consegui mais me relacionar tão bem socialmente assim com homens. (...) Naquele momento eu já sentia uma culpa muito pesada, eu pensava em fugir, mas não saberia como explicar para alguém o que aconteceu, achava que eles não acreditariam em mim. Depois que o abuso aconteceu ele me deu orientações de como agir. Eu não devia contar nada pros meus pais, pois senão eles iriam me abandonar e eu iria morar na rua” (Sessão 03).

Outro elemento que destacamos nas entrevistas com Bernardo diz respeito ao período em que saiu de sua cidade natal para fazer faculdade em outro município. Ele aponta que esse período foi muito difícil por conta de sua situação financeira, pois os pais não o ajudavam monetariamente, e o mesmo dependia inteiramente de bolsas e benefícios de permanência estudantil. Ainda que não tenha relação direta com o fato de ele ser homossexual, esse período de sua vida foi muito impactante para ele, posto que o mesmo chorou ao falar sobre o assunto.

Durante a faculdade, Bernardo começou a utilizar aplicativos de relacionamentos e a se envolver com outros homens por meio deles. Bernardo disse que tais relacionamentos eram difíceis, tanto por ele ser tratado mal pelos homens com quem se encontrava, como pelos traumas que deixaram cicatrizes no modo como se relacionava afetivamente com outras pessoas. Ademais, ele diz que se apegava em qualquer pessoa que o tratasse com o mínimo de respeito, o que era o primeiro passo para o desenvolvimento de possíveis relacionamentos abusivos: “Pra falar de relacionamentos assim, cheguei a me envolver com alguns homens que conheci em aplicativo na época, mas eles me tratavam bem mal” (Sessão 01). “Quando eu conseguia algum encontro e dava tudo certo, eu pensava que devia se apegar muito a essas pessoas, pois se não eu iria ficar sozinho sem ninguém, o que me gerou diversas relações abusivas.” (Sessão 03).

Um momento de sua vida que representou uma virada na sua relação com os pais foi quando o participante conseguiu conversar com eles sobre as violências que sofrera por parte deles. Bernardo conta que, por um momento, cortou sua relação com os pais, assim como tinha feito seu irmão, até que um dia seu pai apareceu em sua casa querendo conversar, pois não queria “perder mais um filho”:

Meu irmão se assumiu pros meus pais e teve que se afastar bastante deles porque eles não aceitaram. Eu decidi que iria apoiar ele e bater de frente com os meus pais. Tudo aconteceu numa ligação em que minha mãe estava falando que o meu irmão estava possuído pelo demônio e reclamando muito dele. Decidi cortar contato com ela e bloqueei o número dela. Foi então que um dia meu pai apareceu aqui na minha casa em São Carlos dizendo que me aceitava e que não queria perder mais um filho (Sessão 01).

Através dessa conversa, o participante pôde falar abertamente com o pai sobre as violências que ele e sua mãe causaram. O pai, e posteriormente a mãe, pediram

desculpas, mas no geral não “lembravam” de terem causado tão mal ao filho, fato que frustra Bernardo até hoje:

Nesse dia tive uma conversa extremamente séria com ele, contei sobre as diversas violências que ele pai me causou. Ele disse que não se lembrava disso tudo e pediu desculpas, falando que tinha uma visão extremamente antiquada sobre os homossexuais, que enxergava eles como doentes e de vida libertina. Depois disso marquei uma conversa com a mãe, que eu expus as mesmas coisas que disse para o meu pai, e minha mãe reagiu do mesmo jeito, falando que não lembrava de ter feito tudo isso. Fiquei muito chateado com isso, duvido que ela não lembrava. Depois eu disse que daria um tempo para que meus pais repensassem tudo e frisei que ia seguir minha vida sentindo o amor deles só quando eu perceber que eles haviam mudado (Sessão 01).

Ele ainda duvida se os pais o aceitaram de verdade ou se apenas não querem que ele se afaste que nem o irmão, e diz sentir dificuldade de confiar neles por não terem reconhecido as violências que cometeram:

Quando eu abordo essas violências eu não falo com um tom de jogar na cara deles tudo isso, sabe? Eu falo pra tentarmos realmente resolver as coisas, dar um ponto final. Meus pais gostam muito de deixar as coisas pra lá. Algumas vezes penso que eles não reconhecem essas violências por vergonha, pois acho que eles sabem que agiram mal. Eles se sentem muito violentados e atacados de verdade quando eu toco nesse assunto, como se eu fosse pintar eles de “agressores”, o que eles de fato foram. Eu realmente me sinto muito frustrado, porque eu queria encerrar esse ciclo de violência, já que eu sei que eles também foram criados dessa maneira. Me sinto um pouco abandonado, fico pensando se eles realmente mudaram de verdade, ou se só se comportam assim por eu estar fora de casa. Não consigo confiar neles plenamente ainda (Sessão 03).

Atualmente sua relação com os pais está melhor, ainda que seu pai sinta algumas dificuldades de reconhecer a homossexualidade do filho perante outras pessoas da família:

Então, a minha briga envolveu meus pais, mas era direcionada mais pra minha mãe. Meu pai tomou a iniciativa de me procurar por medo de perder mais um filho, mas hoje em dia ele ainda tem algumas dificuldades de expressar publicamente que tem um filho homossexual. Uma vez ele foi apresentar meu marido (sim, casamos) para uma pessoa da família e se referiu a ele como se fosse algum amigo próximo da família, enquanto minha mãe já o aceita como genro propriamente dito e não tem problemas em expressar isso publicamente (Sessão 03).

Finalmente, Bernardo refletiu sobre os impactos que essas violências exerceram em sua subjetividade. Ele relata que os abusos sexuais afetaram negativamente a maneira como se relaciona com outros homens. Além disso, ele destaca também que se tornou uma pessoa com autoestima baixa e cheia de inseguranças, por conta das

situações de homofobia que sofreu, relatando que desde criança sempre se policiava quando precisa ir a lugares públicos para nunca agir de maneira “feminina demais”, pois vivia com um medo constante de ser alvo de novas violências:

Eu cresci achando que eu era anormal, muito por conta do discurso da minha mãe. Eu e meu irmão sempre nos policiamos para denunciar um ao outro pra se livrar dos castigos. Também me tornei uma pessoa com uma autoestima muito baixa, e me submetia a relacionamentos extremamente tóxicos pois sentia que eu merecia, colocando as pessoas sempre acima de mim. Fora toda a minha insegurança, que afetava todas as áreas da minha vida. Também adquiri a capacidade de me policiar em todos os aspectos sempre que eu vou em qualquer lugar público pois eu pensava que as pessoas sempre iriam me bater ou me xingar. Sinto muita dificuldade de conhecer pessoas em festas assim. Outro ponto é eu pedir desculpas por tudo, pois sempre acho que estou incomodando. Hoje, por exemplo, eu estou trabalhando muito na terapia pelo fato de eu ter algumas crises de ansiedade em locais públicos por temer muito a violência (Sessão 02).

Os beijos que ele tentou me dar a força deixaram muitas feridas. Não consegui me relacionar romanticamente com homens durante muito tempo, e toda essa questão física do beijo e do sexo eu não consegui lidar por um bom tempo também. Ainda mais quando eu percebi que gostava de homens (Sessão 03).

5.1.3. Tiago

Tiago cresceu em uma família relativamente conservadora. Desde pequeno gostava de coisas que eram consideradas “de menininha”, mas ia para os treinos de futebol que o pai o obrigava apenas para manter aparências de heterossexualidade. Ele sempre se considerou uma criança diferente das demais, e tentava fazer o máximo que podia para que especialmente seu pai não notasse essa diferença e o repreendesse: “desde pequeno eu sempre gostei de filmes e de desenhos que eram considerados “de menininha”. Também sempre me achei diferente das outras crianças, e ia pro treino de futebol que o meu pai obrigava somente pra que ele achasse que eu não era diferente.” (Sessão 01).

Enquanto estava no ambiente familiar, ele sempre se policiava para não demonstrar qualquer tipo de trejeito que pudesse trair sua homossexualidade perante os pais, se sentindo retraído: “Mesmo assim eu não demonstrava muita coisa e sempre me sentia muito reprimido na casa dos meus pais” (Sessão 01). “Agora, sobre os trejeitos, era super normal eu ouvir do pai e da minha mãe que eu tinha que “agir como homem” quando eles notavam que eu não estava me comportando do jeito que eles esperavam que um homem deveria se comportar” (Sessão 03).

No contexto escolar, Tiago relata que passou por diversas situações de *bullying*, citando uma em específico que o marcou intensamente: “Lembro certinho de uma brincadeira que um menino fez comigo um dia, que ele passava uma flor no saco e queria jogar em mim. Eu me senti muito desconfortável e paralisei, me senti incapaz de pedir ajuda. Depois o menino foi punido, só que o meu pai disse que os meus trejeitos atraíam brincadeiras do tipo, e que a culpa era minha.” (Sessão 01).

É interessante observarmos como se deu esse processo, posto que ele esperava ser acolhido pelo pai após uma situação na qual se sentiu extremamente fragilizado, mas, ao invés disso, foi recebido de maneira agressiva pelo pai, que chegou até a colocar uma parcela de culpa sobre o acontecido na vítima: “Lembro do meu pai ter sido super grosso comigo, meio que tentando me culpar por algo que claramente não era minha culpa” (Sessão 03).

Esse acontecimento despertou diversas reações emocionais em Tiago em relação ao seu pai, das quais ele atribuiu como mais intensas o ódio e a raiva, certamente por ter seus sentimentos invalidados por uma das pessoas que ele tinha certeza que iria apoiá-lo: “Nossa, eu me lembro que nessa situação eu senti um misto de sentimentos. O maior deles foi a raiva, por saber que eu não estava errado na situação e mesmo assim ter que ouvir da boca dele que eu tinha uma parcela de culpa nisso tudo” (Sessão 03).

Ainda sobre a questão do *bullying*, ele relata que chegou a alertar os responsáveis escolares, mas que não notou eficácia nisso, posto que as brincadeiras foram parando apenas com o tempo, não sendo resultado da intervenção de alguma pessoa:

Quando eu estava no Fundamental I eu me lembro de ter sim alertado os professores, mas lembro que eles não tinham feito muita coisa a respeito. Aos poucos sinto que as situações pararam e eu acabei mudando de escola. Já quando eu estava no Fundamental II e aconteceu aquela situação que eu contei e que me marcou muito, eu lembro de ter contado a um professor e de ele ter levado o menino que me ofendeu para a diretoria. Mesmo assim eu não sinto que adiantou, sabe? Porque depois disso meu pai acabou me culpando pelo acontecido e acabou reagindo de uma forma que só piorou a situação toda. Depois disso as brincadeiras foram parando gradativamente e, no Ensino Médio, eu meio que comecei a entrar na onda das pessoas, e eu sentia que essas brincadeiras não tinham o intuito de me ofender ou deixar mal (Sessão 03).

Sobre assumir sua sexualidade para outras pessoas, Tiago conta que algumas de suas vivências em relação a isso foram bem conturbadas. Ele relatou que sua irmã

acabou descobrindo sobre sua sexualidade por acaso, quando viu pelo celular que ele estava vendo fotos de homens. Tiago afirmou que ficou com muito medo de sua irmã não o aceitar, ou mesmo de ela denunciá-lo. No entanto, a reação dela foi o oposto disso, e ela o aceitou prontamente, o que mostra que ela não compartilha da visão dos pais, que era o que Tiago suspeitava: “Minha irmã acabou descobrindo uma vez quando minha irmã viu que eu estava vendo fotos de homens no celular dela, pois o meu tinha quebrado. Fiquei morrendo de medo dela contar pros meus pais, mas ela foi super compreensiva e me aceitou” (Sessão 01). Atualmente, ele já consegue se abrir mais com a irmã e conversar sobre assuntos relacionados a isso: “Aos poucos eu consegui ficar mais confortável para falar sobre esse assunto com ela, e hoje sinto que nossa relação está bem melhor” (Sessão 03).

Já em se tratando de seus colegas de escola, Tiago aponta que nunca precisou se assumir diretamente, pois os mesmos acabaram descobrindo sobre sua sexualidade através das brincadeiras que faziam, nas quais ele expunha explicitamente que gostava de homens. Ainda hoje ele se sente um pouco desconfortável quando precisa falar diretamente sobre sua orientação sexual aos amigos de universidade, mesmo que isso ainda não tenha trazidos consequências negativas: “Foi algo que meus amigos foram pegando nas entrelinhas dos diálogos. Inclusive eu descobri que tenho um pouco de dificuldades de me assumir assim agora que eu entrei na faculdade. Mas os meus amigos daqui me acolheram e me aceitaram demais, então isso nunca foi um problema” (Sessão 03).

Quando questionado se ele já havia se assumido para seus pais, Tiago disse que “ainda não”, e que ainda sente medo das consequências que isso possa acarretar. Ele diz temer que o fato de se assumir possa prejudicar a relação com os pais, principalmente com a mãe, de quem ele afirma sempre ter tido maior liberdade para conversar sobre uma maior variedade de assuntos. A não aceitação por parte dos pais geraria nele a perda do eixo de apoio principal em sua vida, o que sem dúvida acarretaria numa carga muito grande de sofrimento psíquico:

Já pros meus pais eu ainda tenho muito medo de me assumir, justamente porque eu não sei ao certo como eles reagiriam. Já ouvi minha mãe dizendo que nunca expulsaria um filho homossexual de casa, mas meu pai também disse que as pessoas têm todo o direito de achar a homossexualidade errada (Sessão 03).

Quanto à reação do pai, ele conta se sentir muitas vezes confuso por não saber ao certo se o mesmo terá uma reação mais violenta ou não: “Eu não consigo chegar a um acordo do que pensar sobre como ele vai reagir, porque muitas vezes ele se mostrou agressivo quando se tratava de situações que envolviam homossexualidade, ao passo em que em outras ele se mostrou mais calmo, então isso é uma incógnita pra mim assim. Mas eu sinto medo da reação dele no geral” (Sessão 03).

Tiago também refletiu sobre que aspectos todas essas vivências impactaram sua vida. Ele relata ter desenvolvido problemas com autoestima e insegurança, e dificuldades no modo pelo qual ele expressa seus sentimentos, citando que os mesmos vieram depois de ter passado por relações mal sucedidas com outros homens. Isso possivelmente aconteceu pois ele se culpou pelo fracasso desses relacionamentos:

Nossa, me modificou demais. Isso contribuiu muito pros meus problemas de autoestima. Eu também sinto muita dificuldade de me expressar, e sinto que isso veio muito de casa. Nunca me senti confortável para ser eu mesmo lá, e sempre ficava a todo tempo me policiando para não expressar alguns trejeitos perto do meu pai. Não consigo expressar o que eu sinto e me perco nos meus pensamentos sempre em alguma discussão. Aqui em na cidade em que eu faço faculdade, eu sinto que essa situação melhorou bastante, mas ainda sinto dificuldade. Estou tentando me envolver em projetos de extensão na faculdade até pra melhorar isso também (Sessão 01).

Finalmente, no âmbito dos relacionamentos amorosos, Tiago afirmou que foi percebendo sua bissexualidade com o tempo, primeiramente num relacionamento mais platônico com uma menina e depois em um mais concreto com um menino, que teve caráter traumático, gerando em Tiago um certo medo de ser rejeitado. Ele também vincula a esse relacionamento a gênese e posterior piora de suas inseguranças:

Então, minhas experiências amorosas são complicadas. Eu me lembro de ter gostado de uma menina quando eu era bem jovem, mas uma coisa bem platônica assim. Depois eu me lembro de ter gostado de um menino e de ter pedido ele em namoro, ao que ele disse não. Isso me marcou demais e eu prometi a mim mesmo que não pediria mais ninguém em namoro. Depois disso eu desenvolvi um certo medo de ser rejeitado assim. Na pandemia eu lembro de ter me relacionado com um menino, mas as coisas acabaram de forma abrupta quando ele parou de me responder do nada e isso me doeu demais sabe? Sinto que esses relacionamentos assim me deixaram super inseguro pra situações gerais da vida assim. Penso que ainda hoje eu ainda esteja no processo de superar coisas e assimilar tudo o que aconteceu (Sessão 03).

5.1.4. Daniel

Daniel conta que desde seus oito anos viveu em um sítio com seus pais, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Foi nesse cenário rural em que ele começou a perceber sua sexualidade, notando que era diferente das pessoas ao seu redor por gostar de homens. Vale salientar que essas descobertas sobre sua sexualidade vinham sempre com uma conotação negativa e depreciativa, posto que, no ambiente em que vivia, homens afeminados (“viados”) e que não gostavam de fazer serviços braçais - como era seu caso - eram tidos como inferiores: “Lembro de uma vez que um boiadeiro que passava na estrada perguntou se eu era “viado”, e foi a partir daí que eu notei que era diferente das outras crianças. Eu nunca gostei de fazer os trabalhos braçais que meu pai me obrigava, sabe? Sempre preferia ficar conversando com a minha mãe” (Sessão 01).

Daniel relatou um abuso sexual que sofreu quando era adolescente, e que deixou marcas que reverberam até os dias de hoje: Quando eu era adolescente eu sofri um abuso sexual vindo do pastor da igreja que minha mãe frequentava. Lembro que ele tinha sido expulso da igreja porque as pessoas já tinham descoberto que ele era um pedófilo, mas minha mãe não acreditava nisso e decidiu levar ele para passar uma noite em casa. Foi aí que o ato acabou acontecendo. Curioso que foi a partir daí eu sempre achei que tinha “virado gay” e me limitei a gostar só de meninos” (Sessão 01). Nota-se neste trecho da entrevista como a violência sexual perpetrada por um homem passou a significar, para o participante, o processo no qual se transformou definitivamente em homossexual, como se apenas essa experiência de exceção pudesse estabelecer um motivo para ele possuir uma sexualidade diferente da de seus pares.

Ao ser questionado sobre se era assumido ou não para sua família, Daniel evocou que, durante sua vida, havia passado por dois momentos diferentes referentes a esse âmbito. Em um primeiro período, no fim de sua adolescência, o participante passou a compor sua aparência de modo a ir contra as definições sociais de como um heterossexual deveria se vestir, acrescentando também o fato de que, começou a se automutilar. É interessante notar esse movimento de externar e mostrar, ativamente, sua diferença para os outros, ao mesmo tempo que provoca lesões em si próprio, como se tal externalização não o livrasse de sofrer um conflito. “Então, eu passei por duas crises. Quando eu tinha 18 anos, sempre pintava as unhas e o cabelo e me vestia pra mostrar que eu não era hétero sabe? Não sei se tem alguma relação com isso, mas foi nessa

época que eu comecei a me automutilar. Graças a Deus eu não faço mais isso” (Sessão 01).

Depois desse período, Daniel só passou a sentir vontade de se assumir próximo aos seus trinta anos, momento em que revelou sua sexualidade para a irmã, que prontamente o aceitou. Atualmente conta não sentir vontade de se assumir para os pais, acrescentando que não gosta nem de definir sua sexualidade pois, segundo ele, “quem se define, se limita”:

Quando eu entrei pra faculdade, aos 24 anos, minha vontade de me assumir passou, só que ela voltou quando eu tinha 28 anos e eu acabei contando pra minha irmã. Ela reagiu muito bem e me aceitou. Agora eu já não sinto vontade de me assumir e nem de definir minha sexualidade, porque quando a gente se define a gente acaba se limitando (Sessão 01).

Quando questionado se esse movimento de não se assumir para a família não tinha origem em algum medo de rejeição pelos pais, Daniel disse que não tem o tema da sexualidade como tabu na relação com sua mãe, e que os dois brincam sempre com o assunto. Já com o pai, ele afirma nunca ter sido próximo do mesmo, chegando até a ter medo dele. Isso mostra de modo claro como sua relação é mais próxima da figura materna, o que acaba por tornar o discurso da mesma com maior potencial de afetar, como veremos posteriormente: “Eu sempre brinco com a minha sexualidade com a minha mãe, dizendo que eu vou ficar com uma menina que ela desde criança dizia que eu iria casar. Ainda bem que eu não me fixei nisso, sabe? Se a gente ficar refém das expectativas dos nossos pais a gente não vive. Já com o meu pai, eu sempre tive medo dele, mas nunca ouvi ele falar nada homofóbico assim.” (Sessão 01).

Sobre o assunto de ele ter sofrido alguma violência vinda de sua família por conta de sua sexualidade, Daniel conta que ocorreram algumas situações. Ele lembra de certa vez em que a mãe cuspiu no chão de nojo ao pensar em dois homens se relacionando. Esse acontecimento, sem dúvida, causou-lhe grande impressão, posto que o participante disse conseguir se lembrar dessa situação com detalhes: “Eu lembro claramente de uma vez que a minha mãe cuspiu no chão falando que tinha muito nojo de pensar em dois homens se relacionando” (Sessão 01).

Daniel reflete o quanto essa cena do cuspe da mãe teve impacto em sua subjetividade, ao relacionar o ato de cuspidada da mãe por nojo de casais homossexuais ao nojo que ele próprio diz sentir ao terminar o ato sexual com outros homens.

Nossa, impactou demais. Sempre que eu tenho relações sexuais com outros homens eu me sinto extremamente sujo depois, sinto um nojo muito grande de mim e vou pro banheiro me lavar na hora. Percebi isso quando um parceiro disse que eu ‘fugi’ depois do ato. Eu relatei isso com aquela cuspidora no chão que a mãe deu que eu te falei. Quando eu fui responder aquele questionário antes da sessão, eu fiquei pensando muito no caráter traumático que isso teve em mim, e como esse simples ato acabou impactando intensamente toda minha vida (Sessão 01).

Observa-se, neste trecho da entrevista, como o nojo, vindo de sua figura materna - à qual ele depositava muita confiança -, acabou se impregnando na sua subjetividade, a ponto de se estender a todos os homens com os quais ele se relaciona sexualmente. Outro ponto a ser destacado é o fato de o participante qualificar a cena do cuspe como “traumático”.

A mãe desempenha uma função potencialmente traumatizante não apenas na cena do cuspe, como também no episódio em que Daniel foi abusado sexualmente pelo pastor pedófilo. Ela não apenas decidiu deixar esse homem entrar em sua casa, como também desmentiu o filho quando este a procurou para dizer o que havia acontecido:

Então, eu percebi que desde aquele episódio do abuso sexual eu tive muita dificuldade com a minha fala, pra me abrir assim. Isso inclusive é algo que eu trabalho em terapia. Nas aulas mesmo, eu não conseguia falar assim. Quando eu sofri aquele abuso, eu tentei contar pra minha mãe sobre e ela não acreditou. Ela disse que eu estava mentindo, e isso me impactou demais, sabe? (Sessão 02).

Ele ressaltou que, apesar de atualmente as consequências do que passou estarem sob controle, em alguns momentos ainda acaba sentindo o peso que essas marcas causadas pelo abuso deixaram no seu modo de ver o mundo: “Hoje eu acho que melhorei bastante. Ainda existem momentos que eu sinto dificuldade em me comunicar, mas pelo menos eu sei a causa deles, então fica mais fácil. É difícil ter que voltar sempre pra essa situação sempre que eu sinto essa dificuldade, mas acaba acontecendo” (Sessão 02).

5.2. Eixos de análise

Elegemos *a posteriori*, para fins de organização e análise dos dados obtidos nas entrevistas, três eixos: a configuração familiar, o processo do “assumir-se” e a presença de violências sexuais. Após apresentá-los, desenvolveremos uma discussão a respeito dos achados obtidos na análise.

5.2.1. Configuração familiar

Todos os participantes qualificaram suas famílias como conservadoras, especialmente no sentido de sustentarem valores heteronormativos, sendo que três delas são praticantes de religiões neopentecostais (evangélicas). Notamos que as famílias de todos eles eram formadas por pai e mãe casados, residindo há anos sob o mesmo teto e com papéis bem delimitados. Em nenhuma delas, portanto, os pais eram separados ou divorciados. Além disso, outras semelhanças constatadas foram a presença de irmãos em todos os núcleos familiares, e como as relações com eles são significativamente diferentes das relações dos participantes com seus pais.

Começando com a análise das relações parentais, é importante reiterar que o desenvolvimento psíquico e emocional de todos os participantes se deu em lares nos quais a heteronormatividade era constantemente reafirmada pelos pais, ainda que muitas vezes de maneira não intencional. Qualquer comportamento, gesto ou interesse que provocasse a mínima suspeita de ser incompatível com o que se espera que um homem seja era veementemente invalidado e passível de sanções severas. Por esse motivo, todos os participantes relataram precisar constantemente se policiar na casa de seus pais para não denunciarem, através de seus comportamentos, algo que pudesse revelar sua verdadeira orientação sexual. Percebe-se, desta forma, que o principal afeto vivido pelos participantes na relação com seus pais é de angústia, como se a todo momento estivessem sob a ameaça de que sejam descobertos.

De fato, os pais são descritos como vigias prontos a punir caso julguem que os filhos se comportam “como meninas”, para usar as palavras de Bernardo e Tiago. Entretanto, algo que deve ser destacado é o fato de nem sempre ser o pai o responsável pela vigilância, julgamento e punição dos filhos, e muito menos ser a mãe a figura de apoio e de proteção deles contra a violência paterna – o que contrasta com a ideia tradicional do pai enquanto figura de autoridade e da mãe enquanto figura de cuidado. É verdade que, no relato de Tiago, sobressai o pai enquanto aquele que pune, ao passo que a mãe não figura nessa função.

Entretanto, no caso de Daniel, por exemplo, verificamos que sua mãe apareceu como a principal responsável pela educação dos filhos, ensinando-os o jeito “correto” (masculino) de se comportar, enquanto que o pai era mais ausente. Já Samuel e Bernardo destacaram que tanto o pai quanto a mãe participavam de maneira incisiva no

policciamento dos filhos, recorrendo a violentas punições físicas e psicológicas quando percebiam que eles apresentavam qualquer comportamento diferente do esperado.

Contrariamente aos pais, os irmãos exerceram funções de apoio e validação, tornando-se pessoas da família com quem os participantes podiam compartilhar seus medos e inseguranças - sobretudo os referentes a sua orientação sexual -, bem como com quem podiam ser realmente eles mesmos, não precisando encenar comportamentos e gestos alheios a sua forma de ser. Tal é o caso de Bernardo, por exemplo, cujo irmão também é homossexual: os dois se apoiavam mutuamente, inclusive treinando-se entre si para conseguir disfarçar os gestos que pudessem revelá-los, para que assim conseguissem sobreviver ao ambiente hostil que era a casa de seus pais.

Constatamos que o sexo dos irmãos não influenciou a maneira como tratam os participantes. Tiago e Daniel foram bem acolhidos pelas suas respectivas irmãs quando descobriram suas orientações sexuais, ainda que isso não tenha sido planejado – como no caso do primeiro, em que sua irmã acabou descobrindo por acaso sobre sua homossexualidade quando o flagrou vendo fotos de homens no celular. Contudo, ao contrário do que se poderia supor, os irmãos de Samuel e Bernardo – irmãos de sexo masculino, que talvez fossem mais propensos a reproduzir a imposição dos valores tradicionais de masculinidade e heterossexualidade –, também ofereceram apoio e suporte – até mesmo financeiro –, assim como validação de sua sexualidade, considerando-a digna, e não como uma espécie de desvio ou “aberração”. Esse fato parece indicar, portanto, que a diferença intergeracional foi mais determinante para a homofobia intrafamiliar do que o sexo dos membros das famílias dos participantes.

5.2.2. O processo de assumir-se

Um aspecto marcante nas vivências de pessoas com a sexualidade não-heterossexual, e que muitas vezes ocorre envolto por medos e inseguranças, é o processo individual de externalização e comunicação dessa sexualidade “diferente” para as pessoas de seu núcleo social, em especial para a família. Não é pequeno o potencial de esse processo provocar significativo sofrimento psíquico; por isso, a investigação de como aconteceu (isso se tiver acontecido) na trajetória de vida dos participantes pode nos ajudar a compreender com mais profundidade as diferentes facetas que a homofobia intrafamiliar adquire na biografia dos sujeitos.

No caso de Samuel, seus pais descobriram sua sexualidade através de uma publicação em uma rede social em que assumia seu relacionamento com outro homem. As ações e atitudes que adotaram após essa descoberta foram severas: eles decidiram cortar o apoio financeiro que davam ao filho para se manter enquanto estudava, e praticamente o expulsaram da família. Samuel foi em busca de auxílio financeiro com o irmão, que lhe correspondeu e passou a servir como figura de apoio. Até a data da realização das entrevistas, Samuel contou que a situação melhorara um pouco, posto que conseguira ter uma conversa com seus pais. Entretanto, ele confessou sentir que há um grande caminho a ser percorrido pelos pais até a aceitação plena de sua sexualidade – isso se ela acontecer de verdade em algum momento.

Para Bernardo, o processo foi igualmente difícil e impactante. Apesar de ter se assumido para a família em data próxima à realização da entrevista, ele já tinha levado o namorado à casa dos pais, e o apresentado como um amigo. O que o motivou a se assumir foi uma briga que seus pais tiveram com o irmão quando este se assumiu. O irmão precisou se afastar de seus pais, a ponto de cortar os laços com eles, pois os mesmos não o aceitaram bem. De fato, durante uma ligação telefônica, em que sua mãe estava criticando muito o irmão para ele – chegando até a afirmar que o mesmo estava possuído por demônios –, Bernardo optou por se assumir para os pais e defender o irmão, cortando totalmente o contato com eles. Foi só depois de um tempo que o pai decidiu visitá-lo para dizer que ele e a mãe o aceitavam, e que não queriam “perder mais um filho”.

Bernardo atribuiu a uma certa falta de informação dos pais a dificuldade de entenderem e lidarem com quaisquer manifestações de sexualidade diferentes da heteronormativa, somado ao preconceito disseminado pela religião que praticam. A respeito da situação atual, ele sente haver ainda um longo caminho a ser percorrido para que possa ser plenamente aceito e amado por seus pais, mas se sente bem de estarem começando a se reconciliar. Entretanto, ele ressalta que a confiança que tinha neles foi quebrada, e não vê atualmente possibilidade de ela voltar a ser como antes.

O caso de Tiago é diferente dos dois anteriores. Ele nunca havia contado a ninguém a respeito de sua sexualidade, até a sua irmã surpreendê-lo vendo fotos de um menino que gostava pelo celular dela. É digno de nota indicar o pânico que se apossou do entrevistado, pois ele temeu que a irmã contasse sobre sua sexualidade aos pais. Se o

participante manifestou tal reação, é porque acreditava que eles o puniriam severamente por não ser heterossexual. Ao contrário do que esperava, entretanto, a irmã ofereceu apoio e disse que manteria esse segredo pelo tempo que ele precisasse, se colocando à disposição caso necessitasse de alguma ajuda. Atualmente, Tiago conseguiu se assumir somente a uma prima e a seus amigos, não sabendo quando pretende contar aos seus pais.

Talvez a situação mais diferente de todas as relatadas seja a de Daniel. No fim de sua adolescência, passou por uma fase em que se vestia e trabalhava toda sua estética de modo a se distanciar dos padrões heteronormativos, com o intuito de mostrar que não era heterossexual. Após esse período, não sentiu vontade de assumir sua sexualidade para mais ninguém, até o momento em que completou vinte e oito anos e decidiu se assumir para a irmã, que o aceitou bem. Embora tenha buscado revelar sua sexualidade através da maneira de se vestir para todos, inclusive seus pais, jamais conversou com eles sobre o assunto. Atualmente, Daniel considera não ser necessário ter essa conversa, uma vez que já se desvincilhou completamente das expectativas que os pais colocavam sobre ele, que sem dúvida passavam também pelo âmbito de sua sexualidade. Nota-se que mesmo com sua prévia tentativa de deixar clara sua sexualidade, seus pais parecem assumir uma postura de “fingir que não veem”, o que de certa forma é similar a um desmentido, e traumático como o mesmo.

5.2.3. Violência sexual

Um elemento que apareceu no discurso de apenas dois dos quatro participantes, mas que consideramos importante destacar neste estudo foi o fato de terem sofrido violências sexuais. Um deles pertence ao grupo dos que afirmaram ter sofrido homofobia intrafamiliar direta (Bernardo) e o outro dos que sofreram homofobia intrafamiliar indireta (Daniel).

Dentre os dois casos relatados, o que conseguimos obter mais informações foi o de Bernardo. Todos os abusos sexuais que sofreu tinham uma configuração parecida: eram cometidos por homens supostamente heterossexuais, qualificados por ele como “homens de família”, que residiam no bairro em que morava. No momento do abuso sexual, ele se sentia totalmente impotente. Apesar de pensar em fugir, não sabia como reagir. Após o acontecimento, se calava por achar que as pessoas não apenas não entenderiam o que tinha acontecido, como também por temer que o culpassem pelo

ocorrido. No que diz respeito a esse segundo ponto, a angústia de que fosse culpado pelos outros pela violência de que foi vítima estava relacionado com o sentimento de culpa que ele próprio, Bernardo, tinha. Com efeito, ele considerava que os abusos sexuais que sofrera eram um castigo divino, como se eles fossem punições de Deus pelo seu pecado de gostar de homens.

O outro participante que relatou ter sofrido abuso sexual foi Daniel. Sua mãe, ignorando as denúncias dos fiéis da igreja que frequentavam – de que o pastor era pedófilo –, o acolheu em sua casa por uma noite. Durante essa noite, o pastor abusou sexualmente do participante, então adolescente. Assim como Bernardo (que relacionara as violências sexuais a um castigo de Deus), Daniel buscou elaborar um significado para esse acontecimento: o abuso sexual teria o transformado em homossexual. Só alguns anos depois disso é que ele viria a mudar a maneira como se vestia, conforme foi apresentado no item anterior.

5.3. Discussão

A respeito do primeiro eixo de análise, o da configuração familiar, notamos que os relatos dos participantes revelam e confirmam a gravidade e o alcance dos impactos traumáticos provocados pelos ambientes familiar e social que desvalidam suas sexualidades não apenas em seu desenvolvimento psíquico, como também ao longo de suas vidas, repercutindo em aspectos centrais até os dias de hoje.

Podemos observar, em especial, uma dificuldade geral em lidar com relacionamentos amorosos: Samuel, ainda que atualmente esteja em um namoro com um homem que considera saudável, tem dificuldades em obter prazer nas relações sexuais e já namorou uma mulher para apenas agradar os pais; Bernardo sente dificuldade de conhecer pessoas novas e, sobretudo, aprofundar sua intimidade com elas – o que é agravado pelos abusos sexuais que sofreu; Tiago apresenta dificuldade em conseguir expressar o que sente ou pensa, principalmente com pessoas que tem interesse, e até o momento da coleta de dados nunca havia tido um relacionamento amoroso com alguém; Daniel sente nojo quando tem relação sexual com um homem.

Esses impactos vão muito além do âmbito amoroso, propagando-se, por exemplo, para relações de amizade: alguns participantes, como Samuel, não conseguem

criar laços de amizade com outros homens. Entretanto, além do âmbito relacional, também identificamos prejuízos no próprio sentimento de si mesmo (*self*). Todos os participantes relataram se sentir inseguros e com problemas significativos na autoestima, a ponto de alguns deles nomearem seus sofrimentos a partir de diagnósticos psiquiátricos (realizados ou não por médicos). Samuel e Bernardo, em especial, evocaram diversos períodos em que apresentaram crises depressivas, e as atribuíram, pelo menos parcialmente, às violências que sofreram por parte de suas famílias. Para além da depressão, outros sintomas, também relacionados ao contexto de homofobia intrafamiliar, foram relatados, como ansiedade, dificuldade de interação com desconhecidos, medo de frequentar locais públicos e timidez excessiva.

Ainda no âmbito do *self*, os participantes sentem intensa dificuldade em conseguir expressar o que estão sentindo de maneira geral, pois ainda temem certa invalidação desses sentimentos, do mesmo jeito que ocorrera com seus pais. De todos os participantes, Tiago é aquele que manifesta de maneira mais clara esse aspecto: durante as entrevistas, foi possível observar como ele tem dificuldade de abordar os assuntos referentes à relação entre sua homossexualidade e seu contexto familiar, assim como sua fala, às vezes, fica confusa, demandando esclarecimentos para torná-la mais compreensível. Ele declarou estar consciente dessas dificuldades, considerando-as como resultantes de toda violência psicológica que sofreu durante seu processo de criação.

No que se refere ao segundo eixo, referente ao processo de assumir sua sexualidade perante a família, os quatro participantes revelam a diversa gama de maneiras que tal processo pode se apresentar na vida das pessoas. Buscar a aceitação, o reconhecimento e a validação de si das pessoas próximas – sobretudo dos pais –, é algo inerente ao processo de desenvolvimento (Magrini, 2015). Entretanto, quando isso colide com algo tão íntimo como a sexualidade, e com uma sexualidade que não se adequa às expectativas dos pais e do meio familiar, a potencialidade para que isso leve a uma desestruturação traumática não deve ser negligenciada. Ter algo tão intrinsecamente relacionado à natureza do sujeito, como a sexualidade, como algo “errado” por alguém de confiança, responsável pela formação da personalidade por meio do reconhecimento, nos remete à teoria do trauma de Ferenczi.

Não à toa, o aspecto da confiança nos pais é central em todos os casos. A maioria dos participantes relataram não saber como os pais reagiriam à revelação de sua

orientação sexual, esperando sempre a pior reação possível. Isso aponta para uma experiência de angústia, enquanto afeto que sinaliza uma ameaça (Freud, 1926/2014), compartilhado por todos eles, inclusive durante a infância e adolescência, a partir do momento em que percebiam que suas preferências sexuais não eram “normais”. Devido a essa angústia, ao medo de serem expostos aos olhos de seus pais, os participantes mantêm (como é o caso de Tiago) ou mantiveram sua homossexualidade oculta por muito tempo.

As histórias de Samuel e Bernardo indicam como muitas vezes esse medo pelo pior acaba se confirmando, e as consequências para a subjetividade das vítimas são avassaladoras: Bernardo teve sua confiança em relação aos pais quebrada, e não sabe quando conseguirá confiar neles novamente; já Samuel, apesar de não discorrer muito sobre o assunto, provavelmente por a situação ter sido recente, disse que nunca conseguiu confiar neles plenamente, e isso se acentuou, adquirindo contornos dramáticos, com a descoberta dos pais.

O terceiro eixo de análise, relacionado aos abusos sexuais, evidenciou uma relação entre este tipo de violência e a religião nas histórias de Bernardo e Daniel. No caso de Bernardo, vemos que a forte presença da religião em todos os âmbitos de sua vida influenciou suas reações aos abusos que sofreu, na medida em que ele enxergava tais atos como castigos divinos causados por sua homossexualidade. Em outras palavras, o fato de ser homossexual o fez se culpabilizar pelo o que lhe aconteceu, e, por extensão, considerar que todos do seu meio também o culpariam pelos abusos – o que o fez manter silêncio sobre os acontecimentos que sofreu.

Na história de Daniel, por sua vez, vimos que o abusador era um pastor da igreja que sua família frequentava, e que foi acolhido em sua própria casa após sua mãe não acreditar na expulsão do pastor por conta de denúncias de pedofilia. O participante chegou a afirmar que, por muitas vezes, atribuiu, o fato de sentir atrações por homens como consequência desse abuso. Observamos, assim, que ambos os participantes tiveram seus sofrimentos intensificados ao relacionar o acontecido a uma lógica de punição divina por sua inadequação aos padrões heteronormativos, ou mesmo a um ponto chave que impulsionou o “desvio” desses mesmos padrões.

Para concluir a discussão dos dados, outra questão que vale ser salientada – e que, no entanto, não foi alocada em nenhum dos eixos de análise – é o fato de termos

notado como a psicoterapia pode levar a efeitos transformadores nos sujeitos que sofreram homofobia intrafamiliar e também, em um sentido mais específico, abusos sexuais. Bernardo e Daniel informaram estar sob tratamento psicológico. Observamos que eles apresentaram em seu discurso, quando comparados aos outros participantes (que não buscaram psicoterapia), um maior discernimento, capacidade reflexiva e controle emocional a respeito das violências que sofreram, assim como a capacidade de associar essas violências com o quadro maior de suas histórias e com aspectos importantes de sua situação atual.

Bernardo, por exemplo, afirmou que já estava em psicoterapia durante um período de tempo considerável, e ressaltou como o processo de falar sobre as violências que sofreu em um ambiente de escuta e acolhimento tem sido libertador para que ele consiga assimilar tudo o que aconteceu em sua vida, o que também tem levado a um sentimento de alívio quanto ao sofrimento psíquico até então envolvido. Daniel, que também afirmou estar em terapia, revelou ter uma facilidade maior de relacionar problemas de sua realidade atual com ações traumáticas passadas. Por exemplo, ele associou o nojo que sente de si mesmo ao terminar uma relação sexual com outro homem com a cena em que sua mãe cuspiu no chão ao expressar a repulsa que sentia ao meramente pensar em um relacionamento entre dois homens.

Assim, ficam claro os benefícios do acompanhamento psicológico para as vítimas de homofobia intrafamiliar. Além de contribuir para que o sujeito consiga entender e assimilar a situação que viveu, o alívio do sofrimento psíquico é essencial para a melhora de sua qualidade de vida. Consideramos, inclusive, que o próprio espaço de escuta propiciado nesta pesquisa possa ter ajudado os participantes a obterem validação da realidade daquilo que sofreram, e reconhecimento por quem são.

6. Considerações finais

Podemos notar como os relatos dos participantes entrevistados ilustram a realidade da população LGBTQIA+ no país, e como sua escuta empática é essencial para que possamos compreender as dimensões traumáticas que as violências de caráter homofóbico intrafamiliar, diretas ou indiretas, podem exercer sobre a vida das pessoas que integram essa população.

A partir do momento em que conseguimos entender as possibilidades de violência a que essas pessoas estão sujeitas a sofrer por parte da família – esta organização social cujo papel principal é o acolhimento e a proteção incondicional de seus membros –, simplesmente pelo fato de existirem e serem diferentes do aceito padrão heteronormativo, conseguiremos, também, trabalhar para pensar em ações que possam propiciar alívio de seu sofrimento psíquico.

Mesmo com o aumento de pesquisas sobre o tema no Brasil nos últimos anos, sua quantidade ainda é baixa se comparada à quantidade de vidas ceifadas pela homofobia, que na maioria das vezes começa na família. Com a escuta de mais relatos de vítimas da homofobia intrafamiliar, poderemos desenvolver e sistematizar cuidados especializados para as vítimas, e trabalhar no cerne do fazer social para que ocorra, nas famílias, uma dissolução dos valores heteronormativos, permitindo assim que haja um melhor tratamento e acolhimento por parte das famílias em relação aos seus membros que possuam sexualidades diferentes.

Falando sobre minhas experiências pessoais enquanto pesquisador, a realização do presente estudo foi sensibilizante em vários aspectos. Poder entrar em contato com as histórias de tantas pessoas, e acompanhar, ainda que por um período curto, como suas subjetividades atuais interagem com suas histórias de vida foi imensuravelmente enriquecedor. Ter a possibilidade de investigar de modo aprofundado os traumas causados pela homofobia intrafamiliar em primeira mão foi de grande valor profissional – e mesmo pessoal – para mim.

Para além do âmbito acadêmico, espero que o presente estudo consiga mostrar uma parte da realidade enfrentada pela população LGBTQIA+ no contexto brasileiro. Que os relatos dos participantes consigam escancarar os percalços que uma parte significativa dos indivíduos de nossa sociedade passa diariamente na luta diária para ser

quem é, e que tudo isso sirva para que consigamos evoluir como sujeitos individuais e, sobretudo, como seres sociais.

Referências

- Albuquerque, G. A., Parente, J. S. Belém, J. & Garcia, C. de L. (2016). Violência Psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará. Brasil. *Saúde Em Debate*, 40(109), 100–111. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0103-1104201610908>
- Coelho, G.G. & Barros, J.H.O. (2021). A Homofobia Familiar Disfarçada de Cuidado. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 8(17) 449-463, maio/ago. 2021.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing Among Five Approaches*. California: Sage.
- De Andrade Barros Cruz, H., Cedraz de Oliveira, L., & Araújo, R. L. M. de S. (2019). Homossexuais e sofrimento psíquico - homofobia em contexto intrafamiliar. *Revista Psicologia, Diversidade E Saúde*, 8(3), 377. Recuperado de <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v8i3.2538>
- De Souza, D.C. & Silva Veiga, J. B. (2015). Uma Revisão Crítica Sobre Relações Entre Pais Heterossexuais e Seus Filhos Homossexuais. *Psicologia*, 23(3), 677-692.
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas*, vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1926).
- Gondar, J. Ferenczi como pensador político. *Cad. Psicanál. - CPRJ*, Rio de Janeiro, 34(27), 193-210, jul./dez. 2012.
- Hollway, Wendy & Jefferson, Tony (2008). The free association narrative interview method. In: Given, Lisa M. ed. *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Sevenoaks, California: Sage.
- Hollway, Wendy & Jefferson, Tony (2000). *Doing Qualitative Research Differently*. 68-72. California: Sage.
- Lejarraga, A. L. (2008). Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza Humana*, 10(2), 115–147. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200005&lng=pt&tlng=pt

- Junqueira, R. D. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 1(01). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>
- Magrini de Lima Silva, M., Fernandes Furlan Frutuozo, J., Ramos Feijó, M., Iguimar Valerio, N., & Herrera Chaves, U. (2015). Família e Orientação Sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina. *Temas em Psicologia*, 23(3), 677-692.
- Misse, M. (2019). Alguns aspectos analíticos nas pesquisas da violência na América Latina. *Estudos Avançados*, 33(96), 23–38. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0003>
- Nascimento, A. P. L. & Cruz, M. H. S. (2018). Heterossexismo e Heteronormatividade Como Regulações das Identidades Sexuais e de Gênero: Efeitos produzidos no cotidiano. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 7(1), 33–44. Recuperado de <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2018v7n1p33-44>
- Brasil, O. de M. V. de L. no. (n.d.). *Parcial Setembro 2021*. Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil. Recuperado de <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/parcial-setembro-2021>
- Perucchi, J., Brandão, B. C. & Vieira, H. I. D. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19, 67-76.
- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio De Janeiro: Zahar Ed.
- Schulman, S. (2010). Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>
- Smith, J.A. (2020). Introdução. In *Psicologia Qualitativa: Um Guia Prático para Métodos de Pesquisa*. 7-9. São Paulo: Vozes
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário "entre quatro paredes". *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376–391. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&tlng=pt

Anexo I: Protocolo de questões norteadoras para as entrevistas

1. Como você começou a perceber que sua orientação sexual era diferente?
2. O que você sentia quando pensava em revelar para sua família sua orientação sexual, ou quando achava que descobririam?
3. Como foi o processo de assumir sua orientação sexual para sua família?
4. Você já sofreu atos que considera danosos física ou psicologicamente vindos de membros da sua família, e motivados por sua orientação sexual? Se sim, como foram? De que modo lidou com eles?
5. Você já se sentiu alvo de atos ou ações veladas vindos de membros de sua família de caráter negativo motivadas pela sua orientação sexual?
6. De que maneira você sente que tais atos, explícitos ou implícitos, impactaram sua vida a longo prazo?

Anexo II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução CNS No. 510/2016)

Olá! Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Homofobia Intrafamiliar Sob a Ótica da Psicanálise: Uma Visão Ferencziana”, cujo objetivo é investigar como a reação da família à orientação sexual do indivíduo pode provocar consequências de longo prazo em sua subjetividade.

A coleta de dados será em formato de entrevistas, e realizada de forma online pela plataforma Google Meets, sendo também gravada através da mesma. A política de privacidade da plataforma é rígida e criptografa todos os dados presentes nas gravações das chamadas, impedindo que qualquer terceiro possa localizá-los. Qualquer informação que possa identificá-lo será mantida em sigilo. Serão realizadas entre duas e quatro sessões de entrevista, de frequência semanal, na qual você será convidado a relatar sobre suas experiências.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário, também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Para isso, você poderá enviar sua solicitação de desistência de participação, mesmo após o término da coleta de dados, através do encaminhamento de um email para o pesquisador (roger_chiquetto@hotmail.com).

Como possível risco que a pesquisa pode acarretar, destaco o fato de que ela pode fazer com que você reviva momentos que considere desagradáveis em sua trajetória de vida. Contudo, você terá total controle sobre quais partes de sua história decidirá abordar durante as entrevistas. Além disso, o pesquisador utilizará métodos terapêuticos para manejo desses riscos, e estará sob supervisão clínica de seu orientador. Os benefícios trazidos pela pesquisa são: a) elaborar e ressignificar aspectos da sua vida, o que pode gerar efeitos terapêuticos; e b) ampliar o conhecimento científico sobre a temática pesquisada sob a ótica da psicanálise.

Destaca-se que é da responsabilidade do pesquisador o armazenamento adequado dos dados coletados, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”. Esse armazenamento terá a duração de 1 ano e estará sob o formato de arquivo de vídeo. Vale ressaltar, contudo, a limitação do pesquisador para assegurar total confidencialidade, havendo risco potencial de violação dos dados, uma vez que estes serão coletados em ambiente virtual. Ainda assim, serão adotados todos os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa, não sendo divulgados dados que possam, de alguma maneira, identificá-lo.

Durante a realização das sessões, recomenda-se que você esteja num ambiente com condição de privacidade e conforto, em que não se sinta constrangido, uma vez que serão abordados assuntos pessoais nas mesmas.

Caso você precise de qualquer tipo de assistência por motivos decorrentes da pesquisa, o pesquisador estará disponível para fornecer ajuda psicológica, podendo ser agendadas sessões extras para tratar sobre o assunto se necessário.

Após sua participação, caso deseje, será garantido o seu acesso aos resultados da pesquisa. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos; porém, sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem. Não prevemos que sua participação nesta pesquisa acarrete quaisquer gastos financeiros; entretanto, se porventura isso ocorrer, pedimos para nos informar imediatamente para que as despesas possam ser ressarcidas por transferência bancária ou por outra via mais compatível com a sua realidade.

Você poderá entrar em contato com os pesquisadores das seguintes formas:

Pesquisador: Róger Donizeti Chiquetto
E-mail: roger_chiquetto@hotmail.com

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Leonardo C. P. Câmara
Endereço: Departamento de Psicologia (DPsi), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Sala 01. Rod. Washington Luiz, km 235 - São Carlos - SP, Brasil.
Contato telefônico: (16) 3351-8745
E-mail: lpcamara@ufscar.br.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351- 9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam.

Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF.

Telefone: (61) 3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

Uma cópia desse termo assinado será enviada ao seu e-mail logo após a sua resposta. Enfatizamos a importância de você guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico, uma vez que a coleta de dados ocorrerá em ambiente virtual. Entretanto, você poderá solicitar ao pesquisador, a qualquer momento, uma cópia impressa do TCLE, o qual será enviado gratuitamente a sua residência por meio dos correios.

Se você concordar com todos os itens apresentados neste documento e desejar participar da pesquisa, por favor, clique na opção “Declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceito participar da pesquisa”.

Para participar da pesquisa, selecione a opção abaixo:

Declaro que li o TCLE e aceito participar da pesquisa.

Declaro que li o TCLE, mas não aceito participar da pesquisa.

Local: _____

Data: _____

Nome completo do participante: _____